



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

“Azar? O sal? Sal? Azar?”: Nas entrelinhas de *Pedro e Paula*, de Helder Macedo

Suzana Raquel Bisognin Zanon¹

RESUMO

Neste artigo, lançamos uma proposta de análise que versa sobre o romance *Pedro e Paula*, do escritor português Helder Macedo, publicado no ano de 1998. Para tanto, nesta investigação, podemos ver que a ditadura salazarista, no início do século XX, deixou muitas cicatrizes na alma do povo português – aqui, em especial, das mulheres – fruto de um governo edificado sob uma doutrina rígida e tirânica, que silenciou o protagonismo feminino dentro da sociedade. Essa subordinação toma suas feições no romance em voga, através do intenso conflito entre os irmãos Pedro e Paula, que não denotam existências marcadas pelo ciúme entre gêmeos, ao contrário, nos mostra vidas alienadas entre as diferenças ideológicas e políticas, o que, de fato, retrata a História do governo ditador. O incesto singulariza estas divergências, ao mesmo em que traduz a violação da mulher no seio social, o que ocorre simbolicamente por meio do corpo feminino, ou seja, da violação de Paula.

Palavras-chave: Conflito. Ditadura salazarista. Incesto. Portugal.

ABSTRACT

In this article, we introduced a draft analysis that deals with the novel *Pedro e Paula*, from the portuguese writer Helder Macedo, published in 1998. To this end, this research, we can see that the Salazar dictatorship in the early twentieth century, has left many scars on the soul of the Portuguese people - here, in particular women - the result of a government built on a rigid doctrine and tyrannical, that silenced the female role in society. This subordination takes his features in vogue in the novel, through the intense conflict between the brothers Pedro e Paula, which show no life marked by jealousy between twins, by contrast, shows us lives disposed between the ideological and political differences, which in fact , depicts the history of government dictator. Incest uniqueness of these differences, it translates the same in the violation of women within society, which occurs symbolically through the female body, from Paula`s violation.

Keywords: Conflict. Salazar dictatorship. Incest. Portugal.

Sem o sucesso do parto as personagens desta minha história teriam

¹ Mestre em Letras pela URI – Campus de Frederico Westphalen, professora de Língua Portuguesa e Metodologia Científica junto às Faculdades Borges de Mendonça, bem como professora de Redação junto ao COC, ambas as instituições em Florianópolis, SC. E-mail: su09zannon@yahoo.com.br



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

tido de ser outras mesmo para significarem o mesmo, como quaisquer poderiam nas transpostas circunstâncias e parciais correspondências em que parecem significar outra coisa.

Helder Macedo

A Ditadura Salazarista - que possibilitou a Portugal anos de tormento - é capaz de traduzir as nuances de uma atmosfera imersa em lembranças da sordidez, com que o povo português se deparou, durante muitos anos. No início do século XX, alimentado pela intensidade dos conflitos bélicos, o governo de Salazar edificou um governo totalitário, de repressão e censura. A mulher, enquanto subordinada ao “governo masculino”, no seio familiar, foi um dos principais estigmas da era do Estado Novo de Portugal.

Sob este olhar, as cicatrizes deixadas no passado português são, por vias da literatura, salientadas de uma maneira que as narrativas não cristalizam apenas “vidas possíveis”, mas existências que se constroem, transpostas à circunstância de seu momento histórico. O governo de Salazar nas entrelinhas do romance de Helder Macedo é o que nos faz realizarmos esta leitura sobre o que até então, temos dito.

Publicado em 1998, *Pedro e Paula* pode ser considerado uma das obras mais intensas da produção literária do escritor português, Helder Macedo. Isso pode ser justificado pelo fato do autor construir, com tamanha singularidade, um universo de conflitos – tanto internos, quanto externos – ao mesmo tempo em que revisita, através de uma linguagem sarcástica e metafórica, tempos de outrora, em Portugal.

Os irmãos gêmeos, Pedro e Paula, são os protagonistas desta história. Filhos do autoritário José e de Ana, a mãe subordinada aos mandos do esposo, os irmãos tem uma convivência turbulenta, em virtude de seus comportamentos demasiado distintos.

Os itinerários diferentes que Pedro e Paula, durante o romance, delineiam caminhos estigmatizados por projeções de vida distintas. Não vendo um futuro próspero em Moçambique, em meio a proibições e restrições de valores impostos pelo sistema, Paula viaja para outros países, almejando a prosperidade profissional que a cidade portuguesa era incapaz de lhe proporcionar e em busca de seu amor, Gabriel. Caso permanecesse na terra natal, chegaria a



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

igualar-se à mãe, obediente a um universo que lhe proporcionava apenas a frustração somada à restrita liberdade de ser a dona do lar. Londres é um dos destinos percorridos por Paula.

Sistêmico, Paulo representa uma figura austera, adornado pela vaidade e a vida equilibrada, em meio aos livros e da ânsia em ser o primeiro, o mais privilegiado filho, se comparado a irmã. Assim, ele “seria o oposto da irmã, o reverso terminado em medalha”. (MACEDO, 1999, p.55)

O nascimento dos dois, em fins de guerra, é capaz de registrar os primórdios de existências de tamanha singularidade:

[...] ela frugal no seio esquerdo e ele imperioso no direito. ‘Muda-os, querida, já estás com isso em sangue!’ ‘Não posso, ele não deixa!’ ‘Mas ao menos alterna-os, escusam de mamar os dois ao mesmo tempo’. Um desastre: daí em diante era tudo dele e a menina teve de ser passada para um ribeirão clandestino de intervalos. (MACEDO, 1999, p.21)

Vemos, logo de início, os comportamentos que os desigalam. Pedro e Paula podem ser considerados, pois, oponentes natos, o que é possível ser comprovado através desta primeira passagem, cuja permite aclarar dois termos indispensáveis a estes pressupostos: “frugal” e “imperioso”. Repousa, nessa tessitura, a rivalidade que não aparenta ser somente entre irmãos, mas de uma opressão, frente à fragilidade da pequena Paula, o que nos remete a veemência da covardia do período colonial em Portugal. Pormenorizando esta afirmação, podemos ver a irmã de Pedro como símbolo de tantas outras mulheres estigmatizadas pela tirania masculina e a submissão frente a ela, na era salazarista. Além disso, este discurso contemporâneo nos traz outra perspectiva, ou seja, de ser Paula o símbolo da República e Pedro, conseqüentemente, o signo do Império, repressor e ditador.

Sob este viés, trazemos as palavras de Macedo, em entrevista realizada pela Revista Scripta, pela qual assevera que

Todas as ditaduras são, por definição, repressivas. A de Salazar teve um caráter muito estranho, muito perverso, de ser uma ditadura que queria parecer ser branda. E que assim, de algum modo, instituiu aquilo que poderíamos dizer, caracterizar metaforicamente, como a impotência como instrumento de repressão. Os brandos



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

costumes da propaganda salazarista. O fato é que os portugueses estavam sendo reduzidos, infantilizados. (MACEDO, 2001, p. 384).

Esta redução, sobre a qual o renomado escritor nos fala é, por demais, circundante ao longo do romance, sendo essa “infantilização” espelhada através do nascimento dos dois protagonistas desta ficção, como se o parto fosse a mola propulsora do sucesso do romance, ao mesmo tempo em que a história emerge dessa circunstância: de serem as crianças – Pedro e Paula – a costura de um enredo estigmatizado pela redução dos seres humanos, ao longo da era salazarista. O choro, a disputa pelo seio materno são capazes de cristalizar essa infantilização.

Por outro lado, podemos identificar a intensidade da esperança e da saudade dos tempos em que ainda não se sentia o porvir inquietante se espelham no texto. Estas considerações nos levam a crer que o passado português não foi somente um período de atitudes sórdidas, mas de sentimentos que se espriavam no povo, alarmado pelo desasseio da ditadura. Assim, o romance nos mostra:

[...] porque agora mais próximos de tudo aquilo que durante tanto tempo desejaram e tanto e para tanto tempo desejavam no sem remédio dos exílios, com súbitas dúvidas, sentimentos de culpa, nostalgias de quando a esperança ainda não estava contaminada pela probabilidade do acontecer. (MACEDO, 1999, p.12)

Além destas nostalgias, no texto, nos chama a atenção o paralelismo temporal – passado e presente – alienados na mesma conjuntura: A expressão “Regressar ao futuro” (p.12) é uma delas que permite a divagação sobre a possibilidade de estarem dois tempos irmanados num só, ou seja, a busca, o alcance de um futuro longe da ditadura. Destarte, destacamos a seguinte passagem, aliada a este mesmo contexto: “havia também o casal búlgaro que a manipulada sorte na roleta bafejara na véspera salvando a virtude que ela, por virtude, se dispusera a sacrificar para que ali estivessem naquele mesmo avião onde agora estava rumo ao futuro.” (MACEDO, 1999, p.13)



EDIÇÃO Nº 13 — 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Macedo mostra logo nos primórdios desta história o tempo alienado a esperanças infundadas, mas possíveis. O questionamento do português, o dono do café, diante do comandante enaltece estas considerações:

E então, a um sinal discreto, a magia do dono do café fez com que ganhasse, duas vezes a seguir, ela só lhe tinha perguntado se o comandante da polícia costumava cumprir as promessas, se era mesmo muito mau comprar assim a liberdade, a felicidade possível em tempo de sofrimento. (MACEDO, 1999, p.14)

Entretanto, muito além do período de temor, o escritor português nos mostra que sentimentos e condições podem não ser conquistadas, conforme a lei natural das coisas, mas sim, “compradas”, como se forçosamente e clandestinamente adquiridas em tempos difíceis.

No diálogo entre Menina Flausina e Compère, presente na revista do Parque Mayer, Macedo descreve as falas de contexto incompreensível no periódico americano, o que conjuga o contexto alienado do itinerário do povo português, entremeio a crise econômica, durante o governo do ditador, bem como o hibridismo cultural e a migração no país:

[...]

Modelo: Ah, falta-lhe aí alguma coisa? Cá me parecia...ora chega chega chega ora arreda lá pra trás.

Compère: Pois claro que falta, o que é que a menina quer que lhe faça. Ainda agora fui ali à mercearia e até o sal faltava!

Modelo: Isso também já é azar. Faltar o sal!

Compère: Azar? O sal? Sal? Azar? Ó menina Flausina, não se meta nessas coisas, veja lá o que me arranja. Já está a meter água! (MACEDO, 1999, p.16-17)

Este jogo de palavras intermedia as peculiaridades existentes em Portugal - o país do sal, que falta por causa da guerra e de Salazar e seu sistema ditador serem o próprio azar. O perigo, pois, encontra-se na pronúncia dos vocábulos “sal” e “azar”, pela menina Flausina, ou seja, uma afronta através da queixa da falta do sal e ao azar, relacionado a ditador.

Tendo em vista que o romance de Macedo anda nos trilhos da escrita contemporânea, *Pedro e Paula* agrega feições compreendidas no espaço da metaficção. Ao comentar sobre os postulados de Linda Hutcheon a respeito desta “modalidade literária”, Connor assim nos recorda:



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

[...] o ponto essencial é que esses textos expõem a ficcionalidade da própria história; eles negam a possibilidade de uma distinção claramente sustentável entre história e ficção ao darem relevo ao fato de que só podemos conhecer a história com a mediação de várias formas de representação ou de narrativa. Nesse sentido, toda história é uma espécie de literatura. (HUTCHEON *apud* CONNOR, p.106)

Sob este ponto de vista, a narrativa é lapidada e consubstanciada de indícios que caracterizam o mosaico que relativiza as manifestações de poder e de volta ao passado português. O sentido e a significação recaída no texto enovelam-se a ponto de criar o fio condutor dos princípios e de sua intencionalidade do texto, enquanto discurso literário que comporta temporalidades distintas, juntas no mesmo período histórico: a Guerra Colonial, a Ditadura Salazarista e o Pós Guerra, trazidos no texto de outra maneira, ou seja, através da ficção. Nesses parâmetros, vários são os rastros que nos levam à atmosfera metaficcional, um deles é a autoreferencialidade, ou seja, o autor do texto se envolve e traz a ele mesmo, como “intruso”, para dentro da história, vejamos: “Para o aqui e agora deste livro, direi portanto que foi agora e aqui que minhas personagens me confrontaram [...] que é também um modo de dizer que lá estive, sou testemunha.”(MACEDO, 1999, p.140). E, ainda, Macedo revela seu espírito democrático, através da incongruência dos sobrenomes dos gêmeos: Paula Freire e Pedro Montês.

A maneira como o autor português problematiza o fim da ditadura firma o texto para o alcance das particularidades, até então aludidas. Metaforizar o período de Salazar através da força de Pedro e da “metamorfose” existencial de Paula são aspectos a serem sublinhados nesta perspectiva, conforme o autor declara após o nascimento e a disputa pelo seio materno. Seriam os dois legítimas “Metáforas da história.”(MACEDO, 1999, p.21).

O constructo do romance se dá, na medida em que apanhamos os sentidos e suas representações de poder e do contexto histórico, nas entrelinhas, ao lembrarmos-nos da representatividade de poder de José, pai dos gêmeos. Munido de arrogância e petulância, este personagem é capaz de desvelar uma autoridade somada à ordem, até então imposta no país. A seguinte passagem cristaliza este pensamento:



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

O José ia, em suma, chefiar serviços que desconhecia numa colônia de que nada sabia, era perfeitamente normal e de toda justiça, um favor que fazia à pátria, declarou Ana com toda sua ferocidade [...] ‘Ao menos começo por cima e não a carregar malas’, foi a resposta petulante de José [...]. (MACEDO, 1999, p.31)

Por outro lado, o romance de José e Ana revela o desgosto da personagem feminina frente à repressão da era de Salazar. Antes do casamento, Ana refletia sobre sua condição, naquele tempo e dizia: “[...] era uma espécie de doença que as meninas apanhavam quando nasciam e lhes ficava para o resto da vida” e afirmava ser sua profissão “[...] ele, o único direito que os regia era serem felizes, ela bem sabia que a felicidade dele dependia dela, e tudo mais ao nível do mundo e da meteria era o seu dever de homem, havia de ganhar o suficiente para os filhos que viessem a ter.”(MACEDO, 1999, p.24)

Ana, sob este pensamento, veicula a insatisfação frente às atitudes do marido, além de que guarda o sentimento de amor frustrado por Gabriel. A mãe dos gêmeos dispõe de limitações que a fazem transitar entre o desgosto e a frustração de estar em meio à militância do cônjuge. Para ela “A guerra só interessava aos terroristas e aos militares, a Pide seria uma depravação, mas ao trabalhar com ele era uma depravação que estava a abolir-se a si própria. (MACEDO, 1999, p.96)

Zygmunt Bauman (BAUMAN, 1998, p.15), ao discorrer sobre os fenômenos da pós-modernidade, seus preceitos e designações, fala a respeito da ordem enquanto “apaziguadora” do mundo; consoante a uma forma de hierarquia imposta para que as sociedades possam compreender a origem e a frequência com que as coisas acontecem, organizadamente. Nossos atos, segundo ele, teriam como mecanismo regulador, a ordem e esta última advém da correlação à probabilidade e/ou à impossibilidade dos acontecimentos, nunca ao acaso, que seria, aqui entendido, enquanto mediador da anarquia e desordem.

Esta ordem, postulada por Bauman, não é o que resplandece neste romance; ao contrário, a atmosfera arruaçada por meio do protagonismo de Pedro e Paula é uma constante. A desordem é capaz de ser contemplada por vias de um relacionamento incestuoso consumado e



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

outro suposto, da discrepância entre os irmãos e da suposta ideia de Gabriel ser ou não pai dos dois, o que nos traz, com maior teor, a dúvida. Os personagens estariam, pois, mergulhados numa existência fora de ordem, fator que contribui para o sarcasmo de Macedo frente à ditadura Salazarista. Diante disso, o estilo zombador de Helder Macedo é aparente na narrativa e digno de ser acolhido nesta análise:

Se assim não fosse certamente que teria trocado as voltas ao pide perfumado, corrido com Salazar e, ao mesmo tempo, encorajado a cinematografia portuguesa tomando copos celebratórios nos bares de Lisboa com Mister Scott, que se estava logo a ver que era só o merifico Antonio Silva a fazer do americano que quando ficava bêbedo entrava numa de socialismo e roubava os ricos para dar aos pobres, embora fosse de desconfiar se não seria provocação política ao ouvi-lo falar com aquele sotaque suspeitíssimo. (MACEDO, 1999, p.16)

Vemos, primeiramente, o aspecto sarcástico e debochado ao fazer alusão ao PIDE, a Política Internacional e de Defesa do Estado, criada em 1945, enquanto “perfumado”. Ademais, o personagem Mister Scott referencia o estado americano imerso nas lutas pelo poder colonial.

Ainda, sob o signo da ordem, Paula personifica o novo, a mudança, o ousado, o discurso republicano, o “templo e a invenção”, segundo o romance. Essa desordenação advinda da existência de Paula irmana-se ao processo de construção da identidade, contraditória e deslocada. Segundo ele, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 1999, p. 13). Os vários caminhos perfilados pela protagonista fazem parte desta busca, desta construção e, por isso é ousada; muda, apaixonada e enfrenta os desafios de sua existência. De resto, ela é a desordem que arrisca viver o amor incestuoso com Gabriel, mostrando a indiferença frente ao fato: “Incesto. Eu e o Gabriel. E se foi, faz mal?” (MACEDO, 1999, p.232).

Paula quebra com as barreiras do interdito, traduz a liberdade expressa através de sua liberdade sexual, adquirida com Gabriel. A sexualidade assume, neste plano, a libertação e a violação das normas do sistema. Antes de ser entregar ao amante, Paula nutria o desejo do



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

alcance da liberdade feminina e, assim, se expressa: “Nada mais parecia mais fácil do que ser livremente sexuado na Lisboa explosiva.” (MACEDO, 1999, p.75). Depois do deleite com Gabriel, Paula o conjuga enquanto passivo, pois estaria, então, numa posição de comando, fator que aumenta as suas adjetivações transgressoras e ousadas: “Fosse o que fosse, aquele ativo oferecer de passividades eróticas, aquela incestuosa submissão filial ao desejo que ela nele ativamente soubera desencadear [...]” (MACEDO, 1999, p.145). Logo, exprimem quão submissas foram e ainda são as mulheres que desprenderam de seus ideais e os abdicaram para acatar o poderio masculino. “[...] tivesse assim podido vir a permitir-se saber o que as mulheres sempre souberam e desaprenderam com os homens [...] já não era ela que estava a ser penetrada por ele, mas ela que o estava a envolver [...]” (MACEDO, 1999, p.145).

A narrativa nos mostra, através dos interditos, várias pistas que nos levam a crer que Macedo vislumbra trazer aos leitores não apenas Pedro e Paula enquanto símbolos da guerra civil, mas indivíduos que desejam e que sofrem por isso, por meio da interdição, transcrição e violência. Deste modo, lembramos do Complexo de Édipo, por várias vezes proferido no romance.

Ao nomear os gêmeos, Macedo já deixa em vistas o “mosaico”, a outra possibilidade de leitura que nos leva a assimilar à psicanálise e, posteriormente, ao Édipo. De início, o texto nos mostra: “Quanto aos nomes, sumariamente rejeitaram o Sigmundo [...]” (MACEDO, 1999, p.21). O nome Sigmundo nos sugere lembrarmos de Sigmund Freud, estudioso austríaco que formulou as concepções a respeito do Complexo de Édipo. Reside, neste terreno, as adjetivações interpostas a Gabriel enquanto “hipotético amante da mãe” (MACEDO, 1999, p.53) e “o pai-padrinho que não aprendeu a amar melhor.” (MACEDO, 1999, p.54), fatores que permitem a suposição de ser este o pai de Pedro e Paula, ao passo em que esta mostra a despreocupação através de um discurso sarcástico e espirituoso: “Passo a vida a fazer perguntas destas. Sobre quem é pai de quem...Pois é, édipos complicados.” (MACEDO, 1999, p.151)



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Concernente ao falo e a castração, provém o mito do Édipo, que subentende a escolha/designação da criança enquanto menino ou menina, ou seja, a definição de sua sexualidade. Comprova-se isso com as palavras de Robson Pereira Gonçalves quando afirma que

O Édipo é um mito que articula um grupo de contradições de base: O sujeito se pergunta a quem aderir, a quem eleger como modelo libidinal. O Édipo varia segundo a estruturação social da rede de relações: organização do clã, familiar, tribal, etc. O Édipo é a estrutura que rege a passagem do biológico ao erógeno, da natureza à cultura e, assim, a sexualidade transgride do real. (GONÇALVES, 1997, p.67)

Contudo, o Édipo como símbolo mítico interfere e determina o inconsciente do sujeito no que tange a escolha de sua sexualidade por meio do social e da transformação deste pela ordem simbólica. Nesta medida, Paulo, o médico e irmão responsável e regrado, que sempre vencia as interposições da irmã, transgride o seu caráter ordeiro e de prestígio por meio da violação do corpo da irmã e isso tem sua origem nessa instância de ordem simbólica. Fernanda, esposa de Pedro, permitia que ele indagasse a ele mesmo sobre as afeições apregoadas à irmã, o que sublinha as faces do comportamento compulsivo e violento diante de Paula:

Os comentários que nos fazia sobre a Fernanda eram sempre em contraste com a sua irmã...o que é natural, a Paulinha é uma rapariga que conheces melhor, a única rapariga que realmente conhecias. O modelo feminino, para os rapazes, costuma ser a mãe, mas bem sei e acredito que não tenho ciúmes, pelo menos já não tenho, já me habituei, o teu tornou-se a Paulinha. (MACEDO, 1999, p.69)

Paulo identifica a figura materna na irmã, pois Ana não constitui o modelo de determinação e liberdade, elementos que guiam a existência de Paula e a tornam, efetivamente, mais autônoma se comparada ao irmão. O tormento e a perturbação surgem disso, bem como o sentimento de inferioridade e impotência frente à Paula, que propaga o molde de aderência, mesmo que psicológica, de Pedro, ou seja, ela constitui o Édipo na vida do gêmeo. Helder Macedo salienta esta convergência através do incesto, configurado, neste ensejo, como a violação brutal do corpo de Paula e isso nos é mostrado quando o conflito entre os irmãos chega ao limite da disparidade entre os dois. Presenciamos isso nas balizas que prenunciam o fim desta história, no discurso de Paula:



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Sabes o que é que eu não consigo mesmo perdoar-te, Pedro? É que afinal tu és irremediavelmente, irrecuperavelmente menor. Apenas um pobre-diabo.”.

E então... Bom, o resto foi rápido e brutal. Pedro avançou para a irmã de punho erguido, empurrou-a, ela caiu, ele caiu sobre ela, rasgou-lhe a camiseta, comprimiu-lhe os seios, bateu-lhe várias vezes com a nuca no chão, hesitou por um brevíssimo momento quando a percebeu atordoada, levantou-lhe a saia sobre o ventre, quebrou o elástico das calcinhas de seda, baixou-as até conseguir desembaraçá-la dos pés, abriu a braguilha, tirou das calças o pênis ereto, afastou-lhe as coxas com ambas as mãos, penetrou-a num orgasmo imediato, que esfriou rapidamente, viscoso, em parte derramado sobre a vagina contraída. (MACEDO, 1999, p. 210)

Paulo personifica a ocupação do território pelas forças do regime salazarista e isso se dá através da barbárie do estupro da irmã, que metaforiza um universo invadido pelo poder irrefreável, fruto do abuso do irmão gêmeo. Além disso, nesta mesma leitura, vemos que a sexualidade é transgressora dos padrões de moralidade e integridade, pois o ato violento do estupro nada mais é do que o ato ilícito, a violação de princípios da vida do homem, em família e sociedade. Neste momento, a protagonista reflete o próprio choro e decadência do país luso, das mulheres silenciadas pela conduta condenável do homem português, mesmo que tendo suas forças regeneradas pelo afago do suposto pai – Gabriel. Paula é o sinônimo, a alma de uma nova era consubstanciada na dor e na superação de um povo, por muitos anos, violentado e violado pelo comando absolutista.

Macedo nos traduz, nos trilhos de *Pedro e Paula*, a discrepância humana incrustada numa terra que teve, por muito tempo, o protagonismo feminino emudecido por um império que nascia da opressão da robustez da mulher, rudimentado no vigor varonil. Isso tudo é trazido ao palco deste romance, que enveredou a História de Portugal às margens da ficcionalidade que nasce do “sucesso do parto” – conforme asseverou Macedo – do reacionário e despótico, Paulo, e da pacificadora, Paula. Vimos o Império de Salazar, conservador e decadente, (re)encenado não somente sob o pano de fundo das histórias de amor dos personagens, mas de suas existências que representam tantas outras, estigmatizadas pelas cicatrizes de um Portugal tirano, guardado para sempre na alma do homem luso.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

REFERÊNCIAS

CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 1992.

GONÇALVES, Robson Pereira. *Percurso do aprendiz: literatura & psicanálise*. Santa Maria: UFSM, Centro de Artes e Letras, Curso de Mestrado em Letras, 1997.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MACEDO, Helder. *Seminário – entrevista com Helder Macedo*. In *Scripta*, Belo Horizonte, V. 4, n. 8, p. 377-402, 1º sem. 2001.

MACEDO, Helder. *Pedro e Paula*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ZYGMUNT, Bauman . *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.